

## **Ah, Santa Maria, Ajudais aos Nossos, pois Parece que o Encontro já Começou**

A Batalha de Portopí na Conquista de Maiorca (1229) <sup>1</sup>

**Luciano José Vianna**<sup>2</sup>

Na Idade Média, uma das funções reais era a guerra. Era necessário que o rei combatesse para e servisse de exemplo para seus vassallos. Assim, consciente de seus deveres, Jaime I (1208-1276)<sup>3</sup> guerreou na conquista de Maiorca, a qual foi tanto uma *expansão* do reino catalão-aragonês quanto uma *Reconquista* frente aos muçulmanos. Durante esta empresa, Jaime participou de muitos combates entre cristãos e muçulmanos. Um deles foi a batalha de Portopí, ocorrida no dia 12 de setembro de 1229.

Neste trabalho desejo compreender a formação estratégico-guerreiro do rei Jaime e suas atitudes neste encontro entre cristãos e sarracenos. Além disso, procuro destacar as principais características desta batalha, relacionando-a ao contexto em questão para demonstrar tanto suas peculiaridades quanto suas trivialidades.<sup>4</sup>

Utilizo como fonte o *Livro dos Feitos* (c.1252-1274) do rei Jaime, mais especificamente os capítulos 63 a 65. Para realizar este exercício de compreensão, analisarei as palavras do rei para se chegar a uma compreensão

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado na *VII Semana de Estudos Medievais*, realizada no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, entre os dias 28 e 30 de novembro de 2007.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em *História Social das Relações Políticas* da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Orientador: Prof. Dr. Ricardo da Costa. Aluno do *Mãster en Ciències de l'Antiguitat i de l'Edat Mitjana*, da Universitat Autònoma de Barcelona (UAB). Orientador: Prof. Dr. Alexander Fidora. Bolsista BCC da Agência de *Gestió d'Ajuts Universitaris i de Recerca* (AGAUR), 2008-2009. Pesquisador do Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio – IBCFRL. Atualmente, em conjunto com o Prof. Dr. Ricardo da Costa (UFES), traduz o *Llibre dels Fets en Rei en Jaume*, obra de muito valor para a história da Catalunha.

<sup>3</sup> Sobre o rei Jaime I, ver VIANNA, Luciano José. *A Reconquista no Livro dos Feitos* (c.1252-1274) de Jaime I (1208-1276), o *Conquistador*. Atas da VI Semana de Estudos Medievais do Programa de Estudos Medievais da UFRJ. Rio de Janeiro, pp. 447-454, 2006.

<sup>4</sup> Peter Burke comenta sobre o estudo dos acontecimentos não por eles mesmos, mas sim “pelo que revelam sobre a cultura que ocorreram”. Tentaremos realizar este mesmo procedimento neste artigo. BURKE, Peter. *A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa*. \_\_\_\_\_ . *A Escrita da História*. São Paulo: Unesp, 1992, pp. 327-348.

do texto.<sup>5</sup> Por fim, para um melhor entendimento por parte dos leitores, opto por seguir a seqüência da narrativa, mantendo o pensamento do autor em sua íntegra.

## **1. A Preocupação com as Estratégias e as Táticas**

Em meados do século XIII, era natural que os momentos precedentes de uma batalha fossem direcionados pela transcendência. Era necessário preparar a alma, fazer com o que o campo de batalha e os céus estivessem em harmonia para que Deus auxiliasse e concordasse com o feito guerreiro. Dessa forma, o plano celeste se fazia presente no campo de batalha.<sup>6</sup>

No dia 12 de setembro de 1229 os corações dos guerreiros foram preparados pelo sermão pronunciado pelo bispo de Barcelona, Berenguer de Palou (1212-1241):

“Barões, agora não é hora de fazer um longo sermão, pois a ocasião não nos permite. Este feito em que nosso senhor rei e vós estais, é obra de Deus, não nossa. Deveis fazer esta conta: aqueles que neste feito receberem a morte, a receberão de Nosso Senhor, e terão o Paraíso, onde terão a glória perdurável por todos os tempos; aqueles que viverem terão honra e valor em suas vidas e bom fim em suas mortes. Barões, confortai-vos com Deus, porque o rei, vosso senhor, nós e vós, desejamos destruir aqueles que renegam o nome de Jesus Cristo. Todos os homens devem pensar, e podem, que Deus e Sua Mãe não se separarão de nós hoje, pelo contrário, nos darão a vitória. Portanto, deveis ter bom coração, pois assim vencerão tudo, já que a batalha deve ser hoje. Confortai-vos e alegrai-vos bem, pois vamos com um senhor bom e natural, e Deus, que está acima dele e de nós, ajudar-nos-á.”<sup>7</sup>

Uma obra de Deus. Foi dessa forma que o bispo de Barcelona definiu a empresa de Maiorca. Sendo obra de Deus, Ele estaria de acordo com a conquista da mesma. Isso legitimou a conquista e tranqüilizou os corações guerreiros.

---

<sup>5</sup> GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 57-71.

<sup>6</sup> DUBY, Georges. **O domingo de Bouvines – 27 de Julho de 1214**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p. 157.

<sup>7</sup> **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 63. p. 74-75.

Independentemente do resultado, todos seriam recompensados. Aqueles que morressem teriam a “glória perdurável por todos os tempos”, algo buscado pelos medievais. Por outro lado, aqueles que permanecessem vivos teriam honra e valor em suas vidas e não deixariam de ter uma boa morte.

Preparados espiritualmente, o conselho Jaime se reuniu para discutir as estratégias da batalha. Dom Guilherme de Montcada e Dom Nuno discutiram sobre quem tomaria a dianteira na batalha. Acordaram que Dom Guilherme de Montcada e Dom Ramon fossem à frente e não parariam até que encontrassem os sarracenos.

Porém, neste exato momento, a hoste se dirigiu para combater sem a companhia dos cavaleiros. Rapidamente, Jaime cavalgou na direção dos peões, os reteve e disse: “Maus traidores, como podeis ir combater se não tendes cavaleiros e eles matarão a todos?”<sup>8</sup>

Com esta atitude, o rei se preocupou com três questões: 1) a empresa que dirigia para *Reconquistar* Maiorca; 2) a segurança dos peões de seu exército e 3) as questões estratégicas. O rei se preocupou com a questão tática de guerra ao indagar que os peões iam sem os cavaleiros. Isto demonstra o poder de destruição e a importância que a cavalaria possuía nas batalhas. Na concepção da época, dois sentidos estavam ligados à palavra cavalaria: ela significava tanto o grupo profissional que atacava em todos os campos de batalha quanto à realização de grandes feitos de armas e proezas cavaleirescas.<sup>9</sup>

Momentos depois chegaram Dom Guilherme de Montcada, Dom Ramon e o conde de Ampúrias, este juntamente com sua linhagem. O rei comunicou que conteve o exército e não deixou que a hoste fosse embora. Com isso, Jaime

---

<sup>8</sup> **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 63, p. 75.

<sup>9</sup> FLORI, Jean. Cavalaria. LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval I**. São Paulo: Edusc, 2002, p. 185-199.

recebeu um sinal positivo de seus vassalos.<sup>10</sup>

Neste trecho da *Crônica* há dois fatores que demonstram certa precocidade por parte de Jaime I em relação às estratégias e ao bom andamento da conquista. O primeiro foi o impedimento da fuga dos peões, fato que favoreceu a imagem de Jaime I no domínio de seus subordinados. O segundo fator foi a aprovação que o rei recebeu de seus vassalos após ter contido o exército. Tais atitudes se sugerem uma espécie de *iniciação prática* no mundo das armas, onde o rei era supervisionado pelos seus barões, os quais, supostamente, tinham mais experiência que ele. Vale lembrar ainda que a conquista de Maiorca foi o primeiro grande feito de Jaime I narrado no *Livro dos Feitos*, o que confirma a hipótese de que esta empresa foi para Jaime I uma *iniciação prática* no mundo das armas.

Contido o exército, Jaime entregou-o ao comando dos nobres Dom Guilherme de Montcada, Dom Ramon e o conde de Ampúrias, os quais foram na dianteira para combater os infiéis.<sup>11</sup> Logo após terem saído, um grande barulho foi escutado por todos. Imediatamente, Jaime enviou um mensageiro para que fosse a Dom Nuno e o advertisse para que não demorasse muito, uma vez que este comandava o exército cristão que estava na retaguarda.<sup>12</sup>

Neste trecho há a preocupação do rei com a comunicação entre o exército cristão. Jaime utilizou vários mensageiros durante a conquista de Maiorca, os quais facilitavam o contato entre as hostes e informavam sobre as situações do encontro. Nesse caso, o rei preocupou-se com a posição estratégica e a distância existente entre a dianteira e a retaguarda do exército cristão.

Como o mensageiro não retornou, Jaime pediu a Dom Rocafort que advertisse e dissesse a Dom Nuno que sua demora não era boa, pois o rei sabia que não era bom que a dianteira e a retaguarda estivessem muito distantes.<sup>13</sup> Mais uma

---

<sup>10</sup> **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 63. p. 75-76.

<sup>11</sup> **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 63. p. 75.

<sup>12</sup> **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 63. p. 75.

<sup>13</sup> **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 63. p. 76.

vez se percebe a preocupação de Jaime I com a tática de guerra, o que o faz parecer um *rei-estratégico*.

## 2. A relação com os céus: a referência à “Santa Maria”

Entretanto, quando Dom Rocafort viu que o rei estava sozinho não se afastou dele.<sup>14</sup> Mesmo que tivesse desobedecido a ordem de seu senhor, Dom Rocafort se preocupou em defender Jaime.<sup>15</sup> Mesmo assim, o rei continuou sua indagação por causa da demora de Dom Nuno: “Santa Maria! Por que Dom Nuno e os cavaleiros demoram tanto? Com certeza mal o fazem”. Mas neste momento já era tarde: o encontro entre cristãos e sarracenos havia começado. Sem a retaguarda, o rei solicitou ajuda de Santa Maria para que ajudasse os cristãos: “Ah, Santa Maria, ajudais aos nossos, pois parece que o encontro já começou”.<sup>16</sup>

A introdução do culto de Maria na cristandade ocorreu aos poucos.<sup>17</sup> Segundo Jacques Le Goff, a devoção à Mãe de Cristo assumiu toda sua amplitude no século XI e desde então não cessou de crescer, sendo representada em sermões, cantos, liturgias, obras de artes, imagens, narrações de milagres, teatro e a própria redação da Ave Maria.<sup>18</sup> Inclusive ela teve popularidade idêntica ao próprio Cristo.<sup>19</sup> Os medievais se voltavam para a Virgem e solicitavam sua intercessão em seus problemas.<sup>20</sup> Da mesma forma, durante a

---

<sup>14</sup> **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 63. p. 76.

<sup>15</sup> Para as prestações dos vassallos ver GANSHOF, F. L. **Que é o feudalismo?** Lisboa: Publicações Europa-América, 1976, p. 117-126.

<sup>16</sup> **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 63. p. 76.

<sup>17</sup> MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 69.

<sup>18</sup> LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 203-204.

<sup>19</sup> MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 70.

<sup>20</sup> LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 204.

conquista de Maiorca, Jaime buscou ajuda dos céus.<sup>21</sup> Assim, podemos dizer que a batalha de Portopí foi um *momento de fé*, característica freqüente na narrativa do *Livro dos Feitos*.<sup>22</sup>

As sucessivas repetições do nome de Santa Maria demonstram que o rei sabia da necessidade do auxílio divino para que seus feitos se realizassem. Inclusive ele solicitou ajuda não somente à Santa Maria, mas também a Deus. Para o rei era importante que os céus demonstrassem sua ajuda para conseguir sucesso frente aos muçulmanos.<sup>23</sup> Diante dessas informações, entendemos perfeitamente que a conquista de Maiorca foi uma confirmação celeste da legitimidade real de Jaime,<sup>24</sup> uma vez que várias solicitações foram feitas aos céus e a conquista foi efetuada.

### 3. A presença do rei na batalha e os armamentos

Após Jaime ter feito a solicitação de ajuda aos céus, alguns de seus nobres chegaram e indagaram ao rei por que ele ainda não estava na batalha, uma vez que esta havia começado. Diante do questionamento, Jaime explicou deteve os peões que se retiravam e solicitou que todos se dirigissem para o

<sup>21</sup> No *Livro dos Feitos* existem várias passagens referentes à Santa Maria. A passagem mais forte na *Crônica* referente à conquista de Maiorca é justamente na hora da tomada da cidade, referente aos capítulos 84 e 85. Notamos que há uma forte relação com a figura da Virgem (para maiores detalhes sobre o assunto, ver notas do capítulo 84 da nossa tradução: *O Livro dos Feitos do Rei Dom Jaime*. Disponível em <<http://www.ricardocosta.com/textos/cronicafeitos4.htm>>). Ver também a primeira parte do artigo onde é comentado sobre a ajuda de Santa Maria na conquista de Maiorca: VIANNA, Luciano José. O passado como exemplo para os homens e como confirmação celeste da legitimidade real: a conquista de Maiorca (1229) no Livro dos Feitos (c. 1252-1274) de Jaime I (1208-1276), o Conquistador. **Anais do XII Encontro Regional da Anpuh – Usos do Passado** (*On line*), Niterói, Campus Gragoatá, 2006. Disponível em <<http://www.uff.br/ichf/anpuhrio/Anais/2006/conferencias/Luciano%20Jose%20Vianna.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2008.

<sup>22</sup> BOUREAU, Alain. Fé. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval I**. São Paulo: Edusc, 2002, p. 411-422.

<sup>23</sup> A manifestação dos céus durante uma batalha era vista com bons olhos e esperada pelos guerreiros. Assim, teriam a certeza de que em qualquer condição Deus estaria com eles e lhes daria a vitória. Um exemplo que demonstra bem essa relação com os céus durante uma batalha é a análise feita no artigo COSTA, Ricardo da. Amor e Crime, Castigo e redenção na Glória da Cruzada de Reconquista: Afonso VIII de Castela nas batalhas de Alarcos (1195) e Las Navas de Tolosa (1212). OLIVEIRA, Marco A. M. de (org.). **Guerras e Imigrações**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004, p. 73-94.

<sup>24</sup> VIANNA, Luciano José. O passado como exemplo para os homens e como confirmação celeste da legitimidade real: a conquista de Maiorca (1229) no Livro dos Feitos (c. 1252-1274) de Jaime I (1208-1276), o Conquistador. **Anais do XII Encontro Regional da Anpuh – Usos do Passado** (*On line*), Niterói, Campus Gragoatá, 2006. Disponível em <<http://www.uff.br/ichf/anpuhrio/Anais/2006/conferencias/Luciano%20Jose%20Vianna.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2008.

local da batalha.<sup>25</sup> Antes de ir, o rei enviou uma mensagem a Pedro Cornel, a Dom Jimeno de Urrea e a Dom Olivier para que se apressassem, pois o encontro já tinha acontecido.<sup>26</sup> Tinha início a batalha de Portopí.

Esta indagação dos cavaleiros com relação à não presença de Jaime na batalha procede, pois o rei devia estar presente para comandar seus exércitos na luta contra os infiéis e para *Reconquistar* a terra que anteriormente pertencia aos cristãos. A necessidade itinerante fazia com que os reis medievais freqüentemente tomassem o caminho da expedição militar.<sup>27</sup>

No local da batalha contra os sarracenos, Dom Bertrand de Naya perguntou ao rei se ele tinha loriga. Ao ver a resposta negativa de seu senhor, Bertrand emprestou a sua loriga ao rei. Este a colocou sob o perquite, juntamente com o elmo na cabeça e preparou-se para a batalha.<sup>28</sup>

O equipamento do cavaleiro compunha-se de armas tanto ofensivas quanto defensivas. Por exemplo, o cavaleiro podia atacar com a lança e a espada, e defender-se com a loriga, o elmo, o broquel e o escudo. Não se pode esquecer dos importantes cavalos de combate. Assim, Jaime fez questão de lembrar as armas que utilizou na batalha de Portopí, pois as mesmas eram necessárias aos cavaleiros que ali estavam.

Nesse período de insegurança endêmica, a prática das armas era uma atividade legítima e necessária.<sup>29</sup> Ela servia para manter ou para restaurar a harmonia que podia ser perturbada tanto por forças exteriores à Cristandade quanto por forças interiores à mesma. Além disso, nota-se que durante a Idade Média houve uma tendência a considerar e a resolver conflitos por meio de

---

<sup>25</sup> **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 63. p. 76

<sup>26</sup> **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 63. p. 76.

<sup>27</sup> LE GOFF, Jacques. Rei. \_\_\_\_\_, SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval II**. São Paulo: Edusc, 2002, p. 395-414.

<sup>28</sup> **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 63. p. 76.

<sup>29</sup> GAUVARD, Claude. Violência. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval I**. São Paulo: Edusc, 2002, p. 605-613.

instituições que se relacionavam com a guerra.<sup>30</sup>

#### 4. A coragem do cavaleiro

Após obter informações sobre a batalha, Jaime encontrou Guilherme de Mediona, o qual “diziam que submetia um homem como nenhum outro em toda a Catalunha, e que também era um bom cavaleiro.” Porém, o rei irritou-se ao ver que este cavaleiro saía da batalha devido a um ferimento na boca. Inconformado com tal atitude, Jaime pegou-o “pelas rédeas” e ordenou que ele voltasse para a batalha, pois “com tal golpe um bom cavaleiro deve se irritar, não sair da batalha.”<sup>31</sup>

Com esta atitude, Jaime nos passa uma característica muito marcante de sua pessoa: a coragem.<sup>32</sup> Ao abordar Guilherme de Mediona e pegá-lo “pelas rédeas”, o rei demonstrou que todos os cavaleiros deviam ter coragem e lutar para conquistarem Maiorca. A preparação militar e também a preparação espiritual do cavaleiro o dirigiam para ser alguém que fosse fortificado contra tudo que se opusesse a eles. Além disso, não podemos esquecer que essa sociedade fundamentava-se no respeito à honra,<sup>33</sup> o que fazia de qualquer cavaleiro sem coragem algo negativo.

Em *O Livro da Ordem da Cavalaria*, escrito entre 1279 e 1283 pelo maiorquino Ramon Llull (1232-1316), vemos muitos aspectos da formação do cavaleiro na medieval. Ele era um eleito entre mil homens, o que já demonstra a sua importância na participação da ordem. Ele era servido pela mais nobre e mais

---

<sup>30</sup> CARDINI, Franco. Guerra e Cruzada. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval I**. São Paulo: Edusc, 2002, p. 473-487.

<sup>31</sup> **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 64. p. 76-77.

<sup>32</sup> Para o assunto sobre a coragem do rei Jaime I, ver VIANNA, Luciano José. Juramento, pacto, traição e morte: a relação de poder no Livro dos Feitos (c. 1252-1270) de Jaime I (1208-1276), o *Conquistador*. In: **XV Simpósio de História – Etnia, Gênero e Poder**, 2005, Vitória, Espírito Santo.

<sup>33</sup> GAUVARD, Claude. Justiça e Paz. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval II**. São Paulo: Edusc, 2002, p. 55-62.



conveniente besta, o cavalo. Ele portava as armas mais convenientes.<sup>34</sup> E, mais importante que tudo, devia cumprir o ofício de Cavalaria:

“Ofício de cavaleiro é manter e defender a santa fé católica pela qual Deus, o Pai, enviou seu Filho para encarnar na Virgem gloriosa Nossa Senhora Santa Maria, e para a fé ser honrada e multiplicada, sofreu neste mundo muitos trabalhos e muitas afrontas e grande morte. Daí que, assim como Nosso Senhor Deus elegeu clérigos para manter a Santa Fé com escrituras e provações necessárias, pregando aquela aos infiéis com tão grande caridade que até a morte foi por eles desejada, assim o Deus da glória elegeu cavaleiros que por forças das armas vençam e submetam os infiéis que cada dia pugnam em destruir a Santa Igreja. Onde, por isso, Deus honrou neste mundo e no outro tais cavaleiros que são mantenedores e defensores do ofício de Deus e da fé pela qual nos havemos de salvar.”<sup>35</sup>

Segundo Ramon Llull, um dos ofícios da Ordem de Cavalaria era manter e defender a fé católica. Imbuídos da missão de proteção dos peregrinos e dos lugares santos, os cavaleiros deviam proteger e defender a todo custo não apenas tudo que se relacionava à fé católica, como as igrejas e os peregrinos, mas também encontrar o sobrenatural nessa peregrinação armada.<sup>36</sup> Essa missão também se relacionava com a *Reconquista* de Maiorca, que foi a retomada de territórios antes cristãos e que agora se encontravam nas mãos dos infiéis. De forma geral, essa era uma obrigação de todos os cavaleiros que lutaram na *Reconquista* espanhola.<sup>37</sup>

O exemplo dado por Guilherme de Mediona estava fora tanto dos princípios da Ordem de Cavalaria quanto do contexto em questão. Uma vez que este cavaleiro havia obtido a indulgência, ele devia continuar na batalha, lutar, guerrear e defender até o fim a Igreja de Cristo, a qual legitimava o processo de *Reconquista*.<sup>38</sup> Contrariamente ao seu vassalo, Jaime I demonstrou que sabia muito bem sobre o dever de cavaleiro e qual era a sua função naquele

<sup>34</sup> RAMON LLULL. *O Livro da Ordem da Cavalaria*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2000, p. 13-15.

<sup>35</sup> RAMON LLULL. *O Livro da Ordem da Cavalaria*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2000, p. 23.

<sup>36</sup> SOT, Michel. Peregrinação. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval II*. São Paulo: Edusc, 2002, p. 353-366.

<sup>37</sup> FLORI, Jean. Jerusalém e as Cruzadas. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval II*. São Paulo: Edusc, 2002, p. 7-24.

<sup>38</sup> Essa promessa pode ser vista no discurso do bispo de Tarragona, capítulo 62 da Crônica. *Llibre dels Fets del Rei En Jaume*, op. cit., cap. 62. p 74-75.

momento.

## 5. O questionamento dos vassalos

Ao chegar à serra de Portopí, Jaime buscou informações sobre a situação da batalha. De posse desses dados, o rei sugeriu a Dom Nuno que se juntassem à companhia que lá estava para que os cristãos não fossem combater desordenadamente.<sup>39</sup> Mais uma vez Jaime demonstrou que possuía um conhecimento sobre a arte da guerra, precavendo-se para seguir na batalha com uma companhia que reforçaria seu contingente.

Porém, seus vassalos não pensaram da mesma forma. Dom Nuno, Dom Pedro Pomar e Ruy Ximenes de Lusía disseram que Jaime estava precipitado e que, se seguissem as ordens do rei, todos morreriam. Dessa forma, reprimiram a ordenação do rei. Diante de tal reação, Jaime decidiu conter-se de realizar a investida.<sup>40</sup>

É interessante notar a referência ao bestiário medieval que ocorre neste trecho da *Crônica*. Ao ser questionado sobre atitudes que tomaria durante a batalha, Jaime afirmou que “não era leão nem leopardo”, reprimindo a acusação de precipitação feita pelos vassalos.<sup>41</sup> Era comum a utilização do simbolismo bestial pelos medievais para se referirem às ações humanas. No caso, o rei utilizou a metáfora do leão e do leopardo <sup>42</sup> para dizer que não tinha o temperamento tão impetuoso daquelas feras, como os nobres mais de uma vez sugeriram na narrativa.<sup>43</sup> A analogia entre a sociedade humana e a sociedade animal era tão presente na literatura medieval que o rei dos animais era um espelho do rei humano.<sup>44</sup>

---

<sup>39</sup> **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 64. p. 77.

<sup>40</sup> **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 64. p. 77.

<sup>41</sup> **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 64. p. 77.

<sup>42</sup> WOENSEL, Maurice Van. **Simbolismo animal na Idade Média. Os bestiários: um safari literário à procura de animais fabulosos**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2001, p. 207.

<sup>43</sup> Para o tema da analogia com o mundo animal, ver MALEXECHEVERRÍA, Ignacio. **Bestiario Medieval**. Madrid: Ediciones Siruela, 2000.

<sup>44</sup> LE GOFF, Jacques. Rei. \_\_\_\_\_, SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval II**. São Paulo: Edusc, 2002, p. 395-414.

Outro momento em que Jaime foi contestado ocorreu quando o rei disse que iria combater, ao que tudo indica, alguns bons guerreiros muçulmanos.<sup>45</sup> Dessa vez o questionador foi Dom Nuno, o qual perguntou se o rei já havia se tornado um homem de armas comparado a um leão.<sup>46</sup> Mais uma vez um vassalo do rei demonstrou preocupação com a segurança de seu senhor.

Diante das atitudes dos vassalos de Jaime, imaginamos, *a priori*, que o rei possuía tanto uma *inexperiência* no tratamento com as armas quanto uma *ineficácia* em comandar os exércitos cristãos. Entretanto, ao refletir mais atentamente sobre suas atitudes durante a batalha e ao abordar as poucas informações que temos sobre sua formação guerreira, não compartilhamos dessa opinião. Pelo contrário, acreditamos que Jaime I foi um guerreiro bem instruído na arte cavaleiresca durante os primeiros assaltos ocorridos em Maiorca.

Mesmo que a regra do Templo, composta por São Bernardo de Claraval (1090-1154) e aprovada no *Concílio de Troyes* em 1128, aconselhasse a não recepção de crianças na ordem,<sup>47</sup> Jaime I foi levado pelo mestre do Templo, Guilherme de Montredon<sup>48</sup> para ter uma educação cavaleiresca templária.<sup>49</sup> Antes disso o rei passou um bom tempo sob os cuidados de Simon de Montfort (†1218), o qual educou corporal e espiritualmente o infante Jaime em sua casa.<sup>50</sup>

Não era recomendado que uma criança entrasse na Ordem de Cavalaria. Porém, no século XIII, Ramon Llull aconselhou que a iniciação neste ofício

---

<sup>45</sup> GRANADA GALLEGO, Cristina. Otra imagen del guerrero cristiano (su valoración positiva en testimonios del Islam). **En la España Medieval**, Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid, v. 08, nº01, p. 471-480, 1986. Acesso em: 11 jul. 2008.

<sup>46</sup> **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 65. p. 77-78.

<sup>47</sup> "(...) Apesar de a regra do Santo Padre permitir a recepção de crianças, nós não vos aconselhamos a fazer isso. Aquele que desejar oferecer eternamente a sua criança à ordem de cavalaria, deverá primeiro educá-la, até que ela possa segurar armas com vigor e libertar a terra dos inimigos de Jesus Cristo." SILVA, Pedro. **História e mistérios dos Templários**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, p. 23.

<sup>48</sup> Naquela época, entre 1214 e 1215, Dom Guilherme de Montredon era mestre do Templo e representava todo o território de Hispânia e Provença. Já o Grão-mestre era Pedro de Montaigu.

<sup>49</sup> **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 10-11. p. 14-15.

<sup>50</sup> **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 8. p. 12.

deveria acontecer ainda cedo.<sup>51</sup> Alain Demurger afirma que a regra Templária foi construída sobre a regra de São Bento,<sup>52</sup> o que nos sugere que se seguia uma rígida disciplina.<sup>53</sup> Assim, mesmo que Jaime possuísse essa *inexperiência* durante a batalha de Portopí, tudo indica que ele foi educado de uma forma rigorosa pelos Templários, obtendo uma boa educação no ofício das armas.

Já a hipótese da *ineficácia* do rei em comandar os exércitos cristãos é derrubada pela participação inédita de Jaime em um grande feito como foi a conquista de Maiorca, um território marítimo e dominado pelos muçulmanos. Era a primeira vez que Jaime estava diante de uma situação de grande empreendimento físico e militar contra os sarracenos. Além disso, vimos acima que o rei conseguiu deter a hoste que se movimentava para o ataque sem a presença da cavalaria. Assim, ao invés de atribuímos a Jaime a *ineficácia* que *a priori* observaríamos, preferimos conferir ao rei a expressão *incipiente nos grandes feitos*, pois a mesma deixa bem claro que durante a conquista da ilha o rei era observado pelos seus vassalos.

## 6. Considerações finais

A batalha de Portopí apresenta várias características das batalhas medievais, como a questão dos armamentos, o confronto com os sarracenos, a importância da cavalaria, entre outros. Ela foi apenas uma das batalhas ocorridas durante a conquista de Maiorca e relatada no *Livro dos Feitos*.

---

<sup>51</sup> “A ciência e a escola da Ordem da Cavalaria é que o cavaleiro faça que se ensine cavalgar seu filho já em sua juventude; pois se o infante em sua juventude não aprender a cavalgar não poderá aprender em sua velhice. E ao filho do cavaleiro convém que enquanto é escudeiro, saiba cuidar do cavalo”. RAMON LLULL. **O Livro da Ordem da Cavalaria**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2000, p. 19.

<sup>52</sup> “O texto latino da regra é inteiramente construído sobre a regra de São Bento. Assim, a hipótese segundo a qual a regra do Templo seria extraída da regra de Santo Agostinho é desprovida de fundamento”. CERRINI, apud DEMURGER, Alain. **Os cavaleiros de Cristo: as ordens militares na Idade Média (sécs. XI-XVI)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 72.

<sup>53</sup> Segundo Previtê-Orton, a regra era austera, mas não excessiva nem ascética. Basicamente existiam três votos: castidade, obediência e pobreza, e o dia era dividido em três partes: 1) o *Opus Dei*, que eram os ofícios comuns cantados diariamente em coro, que levava em média quatro horas; 2) o trabalho manual no campo ou no claustro, que ocupava cerca de seis ou sete horas e 3) a leitura das Sagradas Escrituras, que durava em média entre três e cinco horas. PREVITÊ-ORTON, C. W. **Historia del mundo en la Edad Media**. Barcelona: Editorial Ramon Sopena, S. A., 1995, p. 402-403.

Entretanto, uma característica que a torna peculiar em relação às outras batalhas é a vivacidade com que Jaime I a relatou.

Jaime I foi um verdadeiro guerreiro durante a batalha de Portopí. Suas atitudes demonstram que o rei estava preparado para combater pela Cristandade e retomar as terras que estavam em poder dos muçulmanos. Mesmo que fosse assistido de perto pelos seus vassallos, Jaime demonstrou certa intensidade em suas atitudes, principalmente nos momentos críticos da batalha.

É interessante destacar a preocupação de Jaime com seu exército. Sempre dava avisos estratégicos para que o mesmo seguisse uma boa empreitada e, dessa forma, preocupava-se com o bom andamento da conquista. Assim, ao que parece, Jaime I, durante a batalha de Portopí, passou por uma *iniciação prática no mundo das armas*.

Vemos claramente suas preocupações com o andamento do confronto, característica que é notável no decorrer da conquista de Maiorca. Além disso, a relação com os céus faz de Jaime um rei-cristão consciente de que a conquista agradaria a Deus. Sua coragem demonstra que ele preocupava-se com aquela empresa, a qual restituiria a ilha de Maiorca ao mundo cristão. Seu treinamento militar e espiritual o preparou para ser um grande rei e para conquistar vários territórios, dentre eles Maiorca. Confiante em suas habilidades e também nas respostas do céu, Jaime estava certo de que reconquistaria aquela ilha para a Cristandade.

## Referências

### Fontes Primárias

**Llibre dels Fets del Rei En Jaume** (a cura de Jordi Bruguera), Barcelona: Editorial Barcino, 1991.

JAIME I. **Libro de los hechos** (introd., trad. y notas de Julia Butiñá Jiménez), Madrid: Gredos, 2003.

RAMON LLULL. **O Livro da Ordem da Cavalaria.** São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2000.

### Bibliografia

BOUREAU, Alain. Fé. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval I.** São Paulo: Edusc, 2002, p. 411-422.

BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. \_\_\_\_\_ . **A Escrita da História.** São Paulo: Unesp, 1992, p. 327-348.

CARDINI, Franco. Guerra e Cruzada. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval I.** São Paulo: Edusc, 2002, p. 473-487.

COSTA, Ricardo da. Amor e Crime, Castigo e redenção na Glória da Cruzada de Reconquista: Afonso VIII de Castela nas batalhas de Alarcos (1195) e Las Navas de Tolosa (1212). OLIVEIRA, Marco A. M. de (org.). **Guerras e Imigrações.** Campo Grande: Editora da UFMS, 2004, p. 73-94.

DEMURGER, Alain. **Os cavaleiros de Cristo: as ordens militares na Idade Média (sécs. XI-XVI).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

DUBY, Georges. **O domingo de Bouvines – 27 de Julho de 1214.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

FLORI, Jean. Cavalaria. LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval I.** São Paulo: Edusc, 2002, p. 185-199.

FLORI, Jean. Jerusalém e as Cruzadas. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval II.** São Paulo: Edusc, 2002, p. 7-24.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GANSHOF, F. L. **Que é o feudalismo?** Lisboa: Publicações Europa-América, 1976.

GAUVARD, Claude. Justiça e Paz. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval II.** São Paulo: Edusc, 2002.

GAUVARD, Claude. Violência. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval I.** São Paulo: Edusc, 2002, p. 605-613.

GRANADA GALLEGU, Cristina. Otra imagen del guerrero cristiano (su valoración positiva en testimonios del Islam). **En la España Medieval (On line),** Servicio de

Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid, v. 08, nº01, p. 471-480, 1986. Acesso em: 11/07/2008.

LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LE GOFF, Jacques. Rei. \_\_\_\_\_, SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval II**. São Paulo: Edusc, 2002, p. 395-414.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 2002.

MALEXECHEVERRÍA, Ignacio. **Bestiario Medieval**. Madrid: Ediciones Siruela, 2000.

PREVITÉ-ORTON, C. W. **Historia del mundo en la Edad Media**. Barcelona: Editorial Ramon Sopena, S. A., 1995.

SILVA, Pedro. **História e mistérios dos Templários**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

SOT, Michel. Peregrinação. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval II**. São Paulo: Edusc, 2002, p. 353-366.

VIANNA, Luciano José. A Reconquista no Livro dos Feitos (c. 1252-1274) de Jaime I (1208-1276), o *Conquistador*. **Atas da VI Semana de Estudos Medievais do Programa de Estudos Medievais da UFRJ**. Rio de Janeiro, p. 447-454, 2006.

\_\_\_\_\_. Juramento, pacto, traição e morte: a relação de poder no Livro dos Feitos (c. 1252-1270) de Jaime I (1208-1276), o *Conquistador*. In: **XV Simpósio de História – Etnia, Gênero e Poder**, 2005, Vitória, Espírito Santo.

\_\_\_\_\_. O passado como exemplo para os homens e como confirmação celeste da legitimidade real: a conquista de Maiorca (1229) no Livro dos Feitos (c. 1252-1274) de Jaime I (1208-1276), o *Conquistador*. **Anais do XII Encontro Regional da Anpuh – Usos do Passado (On line)**, Niterói, Campus Gragoatá, 2006. Disponível em <<http://www.uff.br/ichf/anpuhrio/Anais/2006/conferencias/Luciano%20Jose%20Vianna.pdf>>. Acesso em: 15/07/2008.

WOENSEL, Maurice Van. **Simbolismo animal na Idade Média. Os bestiários: um safari literário à procura de animais fabulosos**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2001.